



# **ARTIGOS**



A tentação de São Jerônimo. Belles Heures de Jean, Duque de Berry, iluminada pelos irmãos Limbourg (c. 1406-1407). Metropolitan Museum of Art, New York, Cloisters Collection (54.1.1, fo. 186r). A vida no deserto e sua vasta solidão calcinada, morada selvagem para os eremitas, fizeram São Jerônimo fantasiar-se entre os prazeres de Roma. A imagem sintoniza essa projeção mostrando a tentação de São Jerônimo por donzelas nubentes dançando de forma insinuante. Disponível em: <http://www.artisoo.com/st-jerome-tempted-by-dancing-girls-p-89361.html> Acesso em 22/8/2013.

<sup>1</sup> Este trabalho é produto parcial da pesquisa intitulada “Mulher difamada e mulher defendida no pensamento medieval: textos fundadores”, que integra a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental da Fapeg – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. A pesquisa, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, recebeu apoio financeiro dessa instituição de fomento para o período de 2013 – 2014. É também produto de plano de trabalho de projeto de pesquisa relacionado ao tema e intitulado “A mulher na visão dos Padres da Igreja e do seu legado medieval: estudo e leitura de textos fundamentais”, desenvolvido em estágio de pós-doutorado em 2013, com bolsa da Fapeg, junto ao Programa de Pós-Doutorado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria do Amparo Tavares Maleval.

<sup>2</sup> Pedro Carlos Louzada Fonseca é Ph. D. em Romance Languages and Literatures pela University of New Mexico, Estados Unidos (1990) e pós-doutor em Literatura Colonial Brasileira pela Universidade Aberta de Lisboa (1999-2000), sob a supervisão da Profa. Doutora Maria Laura Bettencourt Pires. É Professor titular de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. As suas publicações incluem artigos, capítulos de livros, trabalhos em anais de eventos publicados no país e no exterior. Seus estudos e publicações mais recentes encontram-se direcionados para a pesquisa e investigação científica de temas ligados à cultura e ao imaginário medieval recortado à tradição do bestiário e sua disseminação na literatura colonial, e para a questão do discurso do gênero e a misoginia medieval. É autor do livro *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil* (Edusc, 2011). Presentemente, como resultado de projeto de pesquisa de seu pós-doutorado em curso na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, financiado pela Fapeg - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, ultima a redação de um estudo a ser publicado em forma de livro sobre a mulher na visão da literatura patrística e do seu legado medieval.

São Jerônimo (Eusebius Sophronius Hieronymus, c. 342-420), ao lado de Tertuliano (Quintus Septimius Florens Tertullianus, c. 160-c. 225), Santo Ambrósio (Aurelius Ambrosius, c. 339-397) e tantos outros, pode ser considerado um dos Padres da Igreja verdadeiramente responsáveis pela sistematização teológica e moral da virgindade e do celibato como condição superior recomendada por ensinamentos sagrados como estado ideal para uma verdadeira e proveitosa vida cristã e de salvação.

Entretanto, a posição e as ressalvas de severa censura de São Jerônimo em referência ao casamento, cuja realização vem em detrimento da pureza e da castidade moral e espiritual do verdadeiro cristão, não foram feitas *ex nihilo*, pois existem evidentes razões que, buscadas no contexto político e ideológico da sua época, explicam a necessidade de prédicas tão arraigadamente ascéticas expostas e ferrenhamente defendidas por esse santo patrístico fundador da Igreja relativamente ao assunto.

A fama de São Jerônimo durante a Idade Média e como componente de grande influência no que veio a ser o legado da literatura patrística medieval não reside apenas por ter sido uma figura exponencial na campanha propagandística apregoadora da virgindade e contra o casamento. Ele foi, além disso, um nome muito reverenciado por ter produzido a conhecida Vulgata, isto é, a tradução padrão da Bíblia do hebraico para o latim.

Entretanto, ao lado de toda simpatia adquirida por São Jerônimo no seio da tradicional cristandade, a sua imagem tornou-se bastante controversa dada a sua atitude e aos seus pronunciamentos radicais e acerbos no que se referia ao seu apregoado ascetismo, provocando, devido ao seu sarcástico tom polêmico na defesa dos seus radicais pontos de vista, muito ressentimento durante a sua vida em Roma, palco de um incipiente cristianismo. A ordem política e ideológica arraigadamente puritana de São Jerônimo em termos de despojamento material conflitava com posturas dos recém conversos evidentemente ainda muito afeiçoados aos mores do paganismo do qual haviam se tornado dissidentes.

Conforme aludido anteriormente, talvez o grande alarme de São Jerônimo aos seus companheiros de fé tenha sido mesmo a sua vigorosa, senão obcecada, continuidade que ele deu aos argumentos de Santo Ambrósio e de outros Padres da Igreja, propondo a superioridade e a excelência moral e espiritual da virgindade sobre o casamento.

Embora São Jerônimo tenha sido, envolvido por uma onda de censura contra os excessos do seu radicalismo, obrigado a deixar Roma e partir para o Oriente em 385, um amigo

seu por nome de Pamáquio o contatou, cerca de oito anos depois e em nome dos seus simpatizantes ascéticos, para se posicionar contra o distúrbio que estava causando na cidade os ensinamentos de certo monge chamado Joviniano.

São os seguintes os quatro pontos que suscitaram o ânimo de São Jerônimo contra os argumentos de Joviniano, chamado por ele de Epicuro do cristianismo no Livro I. 4 e I. 1 do seu *Adversus Jovinianum* (c. 393) [Contra Joviniano],<sup>3</sup> obra em que o santo expõe, com a notável excelência da sua polêmica capacidade retórica, os seus argumentos contra o que esse herege da religião defendia acerca de assuntos tão caros, prescritos e respeitados nos assentamentos que se tornavam fundamentais para a implantação da nova doutrina cristã.

O primeiro ponto de Joviniano a suscitar a intolerável reação de São Jerônimo era contra o que defendia o monge acerca dos cristãos batizados, dizendo que todos poderiam obter igual mérito quer fossem casados, solteiros ou viúvos. Os três principais pontos seguintes expostos pela postura irreverente, senão herética de Joviniano, atacados com igual veemência por São Jerônimo, diziam respeito à consideração de que os sinceros cristãos batizados não poderiam ser vencidos pelo demônio; de que a vida de jejum não era mais meritória do que a grata aceitação de comida e bebida e de que o crente batizado não receberia um tratamento diferenciado no céu. O saldo dessas verdadeiras heresias expostas por Joviniano foi que ele acabou, como era de se esperar de tamanha posição malsã e desarrazoada para a canonicidade cristã, por ser inapelavelmente excomungado.<sup>4</sup>

Enquanto São Jerônimo estava escandalizado pela noção de que a abstinência sexual era colocada espiritualmente no mesmo nível que o casamento, ele encontrou uma oportunidade para destruir os argumentos de Joviniano, especialmente o primeiro anteriormente mencionado, no seu já aludido *Adversus Jovinianum*.

Esse tratado de São Jerônimo, composto de dois livros contra os argumentos defendidos por Joviniano, chegou a um ponto de discussão polêmica que teve como consequência certo efeito contraprodutivo, pois, ao mesmo tempo que Pamáquio tentava retirar de circulação as suas cópias, o respeitável Santo Agostinho (Aurelius Augustinus

---

3. St. Jerome, *Against Jovinian*, in *The Principal Works of St. Jerome*, ed. Philip Schaff, trans. William Henry Fremantle, Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 1 (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892), 782-783, 779-780, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

4. John Norman Davidson Kelly, *Jerome: His Life, Writings, and Controversies* (London: Duckworth, 1975), 181-182.

Hipponensis, 354-430) se prontificava a escrever o seu próprio tratado apologético ao bom casamento.

Entretanto, com o correr dos fatos, o posicionamento de São Jerônimo acerca do assunto conseguiu o melhor reconhecimento, graças, ao que parece, à sua erudição, perspicácia e inteligência em incorporar no seu tratado fontes da tradição clássica sobre o mesmo tema, principalmente devido à inclusão nele de uma passagem memoravelmente de grande veemência misógina, qual seja, de que um homem sábio não deveria se casar, que ele atribuíra a certo Theophrastus [Teofrasto] (c. 372-288 a. C.). Portanto, graças a essa aparentemente inocente inclusão ideológica, o tratado de São Jerônimo tornou-se lembrado na posteridade por muitos escritores.<sup>5</sup>

Teofrasto foi um filósofo pagão de grande destaque na sua época por ter-se adequadamente seguido as pegadas de muitos dos preceitos aristotélicos, tornando-se, dessa forma, dado ao ímpar poder de *auctoritas* do sábio grego estagirita, também apreciado e divulgado por São Jerônimo. Entretanto, o livro de Teofrasto intitulado *Liber de nuptiis* [Livro sobre o casamento], do qual São Jerônimo, no seu *Adversus Jovinianum*, diz estar citando, era e continua sendo de certa forma desconhecido. Portanto, a atribuição remanesce incerta enquanto fonte imediata de São Jerônimo, pois poderia muito bem ter sido um trabalho de Sêneca ou mesmo de Tertuliano.

De qualquer forma, tudo isso pode servir como válida evidência de que o celibato não era uma invenção do cristianismo e de que o excerto de Teofrasto exerceria mais tarde uma influência fenomenal na evolução da misoginia, uma vez que ele fora colocado em circulação por escritores como Abelardo (*Petrus Abaelardus*, 1079-1142) no Livro II. 946 da sua *Theologia christiana* [Teologia cristã] (c. 1124) e John of Salisbury (ioannis Saresberiensis, c. 1120-1180) no Livro VIII. II7 do seu *Policraticus* (c. 1159).

Os seis primeiros capítulos do *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo, são muito importantes para o tratamento do assunto a que ele se propõe porque neles o autor identifica

---

5. Phillipe Delhay, "Le Dossier anti-matrimonial de l'*Adversus Jovinianum* et son influence sur quelques écrits latins du XIIe. Siècle," *Mediaeval Studies* 13 (1951): 65-86; Charles Bernard Schmitt, "Theophrastus in the Middle Ages," *Viator* 2 (1971): 259-263.

6. Petrus Abaelardus, *Theologia christiana*, ed. Eligius M. Buytaert, in *Petri Abaelardi opera theologica*, Corpus christianorum (continuatio mediaevalis), vol. 12 (Brepols: Turnhout, 1969), url: [http://individual.utoronto.ca/pking/resources/abelard/Theologia\\_christiana.txt](http://individual.utoronto.ca/pking/resources/abelard/Theologia_christiana.txt) }

7. Ioannis Saresberiensis, *Policratici sivi De Nugis curialium et vestigiis philosophorum libri 8*, ed. Clemens C. I. Webb, url:

[http://archive.org/stream/ioannissaresberi01johnuoft/ioannissaresberi01johnuoft\\_djvu.txt](http://archive.org/stream/ioannissaresberi01johnuoft/ioannissaresberi01johnuoft_djvu.txt)

o estado relativo do casamento e da virgindade como conceitos-chave e, ao mesmo tempo em que ele cuidadosamente nega que ele desacredita no casamento, ele o coloca em terceiro lugar, no âmbito espiritual, depois da virgindade e da viuvez.

Em determinado ponto do seu argumento, verificando que o seu oponente Joviniano se recorre a Coríntios 1. 7, entre outras evidências escriturais, para fundamentar o seu ponto de vista de que os cristãos batizados poderiam obter igual mérito espiritual, quer fossem casados, solteiros ou viúvos, São Jerônimo fundamenta o seu contra-ataque fazendo a sua própria explicação desse mesmo texto bíblico.

Assim, no Livro I. 7 do seu tratado *Adversus Jovinianum*, São Jerônimo, expando a inferioridade do casamento, os distúrbios e a distração que a esposa traz para a vida do marido, principalmente às suas intenções devotas, concita a quem adverte nesse seu tratado a considerar o principal ponto de evidência sobre o assunto, apoiando-se, para tanto, na prédica de São Paulo que, em Coríntios 1. 7: 1, diz não ser bom para um homem tocar uma mulher.

E desenvolve o seu arrazoado sobre o assunto empregando a retórica da lógica dos opostos, dizendo que se é bom não tocar uma mulher, é mau tocar uma, porque não existe um oposto à bondade senão a maldade. E continua dizendo, nessa ordem de ideias que, se é mau tocar uma mulher e mesmo assim isso é perdoado, é a fim de prevenir um mal pior que essa concessão é feita. Mas, certamente, uma coisa que só é permitida porque pode haver algo pior, só tem um leve grau de bondade.

São Jerônimo continua a sua defesa do antimatrimonialismo dizendo que São Paulo nunca teria acrescentado que cada um devesse ter a sua própria esposa, a não ser que ele tivesse previamente usado essas palavras para evitar a fornicação. Nesse sentido, ele diz que, uma vez negada a fornicação, São Paulo não diria para cada homem ter a sua própria esposa. Fica claro aqui que o casamento só se justificaria para evitar a licenciosidade sexual.

A fim de tornar mais clara a sua proposição, São Jerônimo diz que isso pode ser comparado com a situação de alguém que tivesse que estabelecer que é bom se alimentar de pão de trigo e comer a mais fina farinha de trigo e, ainda assim, para impedir uma pessoa pressionada pela fome de devorar esterco de vaca, devesse ser permitido a essa pessoa comer cevada.

E perguntando se acontece de o trigo não ter a sua pureza peculiar, se a cevada for preferida ao excremento, conclui que é naturalmente bom aquilo que não admite comparação com o que é mau e não é eclipsado porque outra coisa é preferida. Nota-se aqui a evidente fundamentação de São Jerônimo em Tertuliano, no seu *De exhortatione castitatis* [Sobre a

exortação à castidade],<sup>8</sup> e em Santo Ambrósio, no seu *De viduis* [Sobre a viúva] (c. 378),<sup>9</sup> exceto em relação à lúgubre imagem do excremento. A analogia aqui com o casamento é a de que o estado virginal é a excelência sempre e que, apesar de acontecer, por qualquer razão, o sofrível e deteriorável matrimônio, isso não desvirtua o estado de castidade *in natura* considerado sempre o bem maior.

Continuando no desenvolvimento desse tema da castidade celibatária, São Jerônimo recomenda tomar nota do bom senso do Apóstolo que diz que ele não disse que é bom não ter uma esposa, mas sim que é bom não tocar uma mulher, como se houvesse perigo mesmo no toque, como se aquele que a tocou não escaparia dela que lhe caça a vida preciosa e que causa o julgamento do jovem homem voar para longe, conforme pode ser lido em Provérbios 6: 26.

A seguir, São Jerônimo, reportando-se a Provérbios 6: 27-28, compara o toque em uma mulher com o fogo que alguém segura firmemente junto ao peito e não é queimado ou que anda sobre as brasas sem que se queime, dizendo que, assim como quem toca o fogo é queimado instantaneamente, também pelo mero toque a natureza peculiar do homem e a da mulher são percebidas e a diferença de sexo é compreendida.

Exemplifica essa ideia com a referência às fábulas pagãs que contam que Mitra e Erictônio foram gerados do solo, na pedra ou na terra, por meio da vã luxúria. Mitra foi um deus-sol persa adotado pelos Romanos e Erictônio foi um rei mítico de Atenas, supostamente concebido quando o sêmen de Hefesto caiu na terra, enquanto ele lutava para estuprar Atena.

A seguir nesse comentário sobre bizarrices da luxúria, cita o caso de José que, por causa do perigo do sexo, porque a mulher egípcia desejou tocá-lo, fugiu das mãos dela e, como se tivesse sido mordido por um cão raivoso e temesse que o veneno se espalhasse, jogou fora a capa que ela tinha tocado. Conforme pode ser lido em Gênesis 39: 7, José repeliu os avanços da esposa de Potifar, puxando-se das suas mãos, enquanto ela rasgava as vestes dele, traidoramente alegando depois uma tentativa de estupro.

São Jerônimo recomenda, entretanto condicionalmente, que o homem e a mulher não devem recusar um ao outro, exceto por consentimento mútuo e pelo período de tempo em que devem se dedicar à oração, querendo com isso dizer que, não devem recusar o débito

---

8. Quintus Septimius Florens Tertullianus, *Tertulliani Liber De Exhortatione Castitatis*, ed. Claudio Moreschini, SC319 (Paris: Cerf, 1985), scanned Roger Pearse, Ipswich, 2003. url:

[http://www.tertullian.org/latin/de\\_exhortatione\\_castitatis.htm](http://www.tertullian.org/latin/de_exhortatione_castitatis.htm)

9. Saint Ambrose, *The Principal Works of St Ambrose*, in *The Principal Works of St Ambrose*, trans. H de Romestin, Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers, x (Oxford: Parker and Co.; New York: Christian Literature Co., 1896), 405.

recíproco da gratificação sexual, conforme pode ser lido em Coríntios 1. 7: 4 e no *Decretum*, de Graciano (Gratianus, século XII).<sup>10</sup>

A seguir, é colocado que nada mais excelente existe para o homem e para a mulher do que orar, porque nenhuma coisa, por mais boa que seja, deve impedir a oração, não permitindo que o corpo de Cristo seja recebido. E sobre esse ponto chega à conclusão de que, enquanto se desempenhe a função do marido, falha-se na continência. Lembrando que o mesmo Apóstolo, em outra passagem, ordena orar sempre, diz que se estamos prontos para rezar sempre, segue-se que nunca devemos estar no cativo do casamento porque, enquanto se rende à esposa o seu dever, não é possível orar.<sup>11</sup>

Portanto, uma vida devota a Deus e, ao mesmo tempo, dedicada à oração não pode ser harmoniosa e ter espaço devido na vida de casado. É de se cogitar se São Jerônimo, no âmbito desses comentários, estaria a esperar que os maridos estourassem de raiva com essa visão do casamento e do sexo como impedimento para orar. Apesar disso, malgrado essa indisposição, grandemente firmava-se o comprometimento dele com essa visão.

No que se verifica a seguir, percebe-se claramente o destaque que São Jerônimo faz da representação de São Paulo do casamento como uma espécie de permissão opcional do que prescrevia a tradição da doutrina antimatrimonialista por ele propugnada. Assim, no Livro 1. 9 do seu *Adversus Jovinianum*, São Jerônimo se dirige aos solteiros e viúvos afirmando que é bom para eles continuarem assim. Entretanto, dentro daquela ideia paulina de permissão condicional, diz que se eles não conseguirem se conter, melhor será casar do que ser queimado no fogo do adultério, conforme pode ser lido em Coríntios 1. 7: 8-9.

Referindo-se a São Paulo, diz São Jerônimo que, depois de ele ter concedido a pessoas casadas o gozo do matrimônio e apontado os seus próprios desejos ou o que ele pode permitir, diz que o Apóstolo passa a considerar o caso dos solteiros e dos viúvos e coloca diante deles a sua própria vida para imitação, chamando-os felizes se eles continuam assim.

Retornando às palavras de São Paulo, São Jerônimo comenta que, entretanto, se os homens não se contêm, deve-se deixá-los casar, para evitar, conforme foi dito anteriormente, a fornicção e para que Satanás não os tente por causa da sua incontinência. E continua

---

10. Gratianus, *Decretum Magistri Gratiani*, ed. Emil Friedberg, in *Corpus Iuris Canonici*, vol. 1 (Leipzig: Bernhard Tauchnitz, 1879), 1250-1256, url:

[http://www.columbia.edu/cu/lweb/digital/collections/cul/texts/ldpd\\_6029936\\_001/index.html](http://www.columbia.edu/cu/lweb/digital/collections/cul/texts/ldpd_6029936_001/index.html)

11. St. Jerome, *Against Jovinian*, in *The Principal Works of St. Jerome*, ed. Philip Schaff, trans. William Henry Fremantle, Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 1 (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892), 786-788,

url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>



dizendo que São Paulo dá uma razão ao dizer que, se eles não se contiverem, deixá-los casar, porque é melhor casar do que ser queimado.

A razão pela qual é melhor se casar, diz São Jerônimo, é que é pior se queimar. Completa São Jerônimo, em referência a isso, na ordem desse arrazoado retórico e moralizador em torno da imagem do fogo nesse contexto, dizendo que, entretanto, se a luxúria ardente for destruída, então São Paulo não diria que é melhor se casar. Nessa sequência argumentativa, composta por um silogismo arresado, continua São Jerônimo dizendo que a palavra *melhor* sempre implica uma comparação com algo pior, não uma coisa absolutamente boa e incapaz de comparação.

Assim, diz que é como se São Paulo dissesse que é melhor ter um olho do que não ter nenhum; que é melhor ficar em um pé e apoiar o resto do corpo com uma vara, do que rastejar com as pernas quebradas. Portanto, o resultado proposto como entendimento por todo esse arrazoado de São Jerônimo acerca da comparação entre o estado de castidade e o casamento é que o casamento é um mal que deve ser *in limine* evitado em busca da excelência da vida pura de solteiro devotado, mas que, sendo isso impossível, melhor é render-se à vida de casado do que cair no adultério e na fornicção. Ironicamente, pode-se refletir que o casamento é um estado de fornicção condicionalmente permitido para se evitar uma deterioração moral e espiritual maior.<sup>12</sup>

Na ordem desse raciocínio, São Jerônimo elabora a própria interpretação em referência a Coríntios 1. 7: 10-24 e comenta sobre o que São Paulo diz acerca da qualificação que Cristo faz da virgindade. Dessa forma, no Livro I. 12 do seu *Adversus Jovinianum*, diz que Cristo ama mais as pessoas virgens de sua própria vontade do que as outras, porque elas voluntariamente dão o que não lhes foi ordenado. E isso indica que é uma graça maior oferecer o que não se está obrigado a dar do que se render ao que é exigido. Os Apóstolos, contemplando o fardo de uma esposa, exclamaram que se tal condição pesada é a do homem casado, então não é vantajoso se casar, conforme pode ser lido em Mateus 19: 10.

A seguir, São Jerônimo, assim embasado, diz que Nosso Senhor pensou bem dessa visão dos Apóstolos, dizendo que se tem razão quando se diz que pode não ser vantajoso para o homem, que busca o reino dos céus, tomar uma esposa. Mas, entretanto, admite que esse é um assunto difícil porque nem todos os homens recebem a palavra, mas somente aqueles para quem ela foi dada.

E continua São Jerônimo reportando-se às palavras de Cristo sobre o assunto, dizendo que alguns homens são eunucos por natureza, outros por violência dos homens. Aqueles

---

12. *Idem, Ibidem*, 790-791, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

eunucos agradam a Cristo porque não o são por necessidade, mas por livre escolha. Desejosamente, diz Cristo poder levar em Seu peito os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus e, a fim de Lhe adorarem, renunciaram à condição de seu nascimento.<sup>13</sup>

Joviniano, advogando o casamento de homens religiosos, cita exemplos buscados no Velho Testamento. São Jerônimo analisa de forma crítica esses exemplos do seu opositor, como no caso em que ele, observando que alguns dos Apóstolos tinham esposas, foi respondido pelo santo com a justificativa de que eles parecem tê-las deixado para seguir a Cristo. Na questão de redimir as mulheres por causa de darem à luz filhos, conforme é dito em Timóteo 1. 2: 10, isto significa que elas podem compensar a perda de sua própria virgindade se elas gerarem crianças que, em seguida, permaneçam virgens. A fonte para essa argumentação acerca do casamento de figuras da tradição religiosa, São Jerônimo as encontra em Salomão, autor de Provérbios.

Dessa forma, no Livro I. 28 do seu *Adversus Jovinianum*, mostra o que Salomão, com as suas muitas esposas e concubinas, pensava do casamento, porque ninguém pode saber melhor do que ele, que sofreu por causa delas, o que é uma esposa ou mulher. Assim, diz São Jerônimo que, em Provérbios 9: 13, é lido que a mulher tola e ousada vem em busca do pão, certamente, o pão que vem do céu. E imediatamente adiciona a essa observação que os nascidos da terra perecem na casa dela, correm para as profundezas do inferno, conforme pode ser lido em Provérbio 9: 18.

A seguir, São Jerônimo, no seu costumeiro procedimento de tratar hermeneuticamente dos assuntos através do seu método retórico questionador, pergunta quem são os nascidos da terra que perecem na casa dela, ao que ele mesmo responde, dando a sua interpretação, que eles são os que sucederam ao primeiro Adão, que é da terra, e não ao segundo, que é do céu.

Continuando a sua denegação da mulher, que não serve para companheira do homem, São Jerônimo se recorre a Provérbios 25: 20, dizendo que, como um verme na madeira, é assim que uma mulher má destrói o seu marido. Argumentando, entretanto, que se isso for afirmado relativamente às más esposas, responde perguntando porque se deveria ser obrigado a correr o risco de se casar com uma mulher, provando o bem e o mal.

É melhor, diz ele recorrendo-se a Provérbios 21: 19, morar em uma terra desértica que com uma mulher polêmica e irritável. Como raramente se encontra uma esposa sem esses defeitos, sabe bem disso quem é casado. Por isso que aquele nobre e sublime orador, Vário

---

13. *Idem, Ibidem*, 794-797, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

Gemino, epigramatista frequentemente citado por Sêneca, disse bem que o homem que não briga é solteiro.

E continuando essa litania de imprecizações contra a mulher vista como uma desgraça para os maridos, diz São Jerônimo, recorrendo-se a Provérbios 21: 9 e 25:24, que é melhor morar no canto de um eirado do que com uma mulher falastrona em uma casa compartilhada com ela. Sobre o morar do marido e da mulher numa mesma casa, continua São Jerônimo, no seu arrazoado antimatrimonialista, dizendo que, se uma casa comum para o marido e a esposa torna-a orgulhosa e gera um desprezo pelo marido, mais sofrível se torna se a esposa é a mais rica dos dois e o marido é só um inquilino em sua própria casa.

Se a situação for essa, ela começa a ser não uma esposa, mas a mestra da casa e, se ela ofende o seu marido, eles devem se separar. Ainda no mesmo tom proverbial, recorrendo a Provérbios 27: 15, São Jerônimo, a propósito do assunto, cita que uma goteira constante em um dia de inverno coloca o homem para fora das portas, da mesma forma que uma mulher briguenta conduzirá o marido para fora da sua própria casa.

Isso porque ela inunda a casa com a sua chatice constante e falação diária e expulsa o marido do seu próprio lar que é como se fosse a Igreja. Daí que o mesmo Salomão havia anteriormente ordenado que o homem não deve sair à deriva para fora da Igreja, conforme pode ser lido em Provérbios 3: 21. E o Apóstolo, em Hebreus 2: 1, adiciona a esse respeito que se deve dar o mais forte sentido a essas coisas assim ditas, a fim de que não se fique à deriva.

No que se segue, São Jerônimo textualiza o seu gosto pelo tratamento alegórico extraído das Sagradas Escrituras, perguntando quem é que pode resistir a explicar o que é expressado figurativamente. A partir dessa pergunta retórica, reporta-se a Provérbios 30: 15-16, para exemplificar o mal feminino como sendo uma das filhas da sanguessuga vista como imagem metafórica do diabo, lembrando a alegoria que relata que a sanguessuga tinha três filhas carinhosamente amadas, mas elas não podiam ser satisfeitas, e uma quarta nunca estava satisfeita e nunca dizia ser o suficiente. A seguir nomeia as filhas da sanguessuga como sendo o inferno, o amor de uma mulher, a terra que não está satisfeita com a água e o fogo com a queimada.

Essa sanguessuga alegórica é o diabo que, carinhosamente, ama as suas filhas – o inferno, o amor da mulher, a terra ressecada e o fogo incandescente –, que nunca estão satisfeitas com o sangue dos seus assassinatos. Esse insaciável apetite feminino, diz São Jerônimo, não é o da prostituta ou adúltera, mas o do amor da mulher em geral, que é acusado de ser sempre insaciável porque, se for expressado, ele rompe em chama e, se lhe for dado o bastante, ele está de novo em necessidade; ele priva a mente do homem do seu vigor e absorve todos os pensamentos, exceto a paixão que ele alimenta.

São Jerônimo explica que o que se lê na parábola que se segue tem o mesmo efeito. Referindo-se a Provérbios 30: 21-23, diz que a terra treme por três razões e que na verdade existem quatro coisas que ela não pode suportar, as quais são um servo se tornar rei, um tolo ser alimentado de pão, uma mulher odiosa ter um bom marido e uma serva suplantar a sua senhora.

Adverte a seguir para o fato do modo como biblicamente uma esposa é classificada juntamente com os maiores males. E se isso assim acontece porque ela é uma esposa odiosa, diz São Jerônimo que ele dará a mesma resposta de antes, qual seja, a de que a mera possibilidade de tal perigo é em si mesma um assunto não leve, porque aquele que se casa com uma esposa está incerto se ela será uma mulher odiosa ou digna de seu amor. Se ela for detestável, ela é intolerável; se ela for digna de amor, seu amor é comparado ao túmulo, à terra ressecada e ao fogo.<sup>14</sup> Portanto, fica claro que, compondo o fulcro do ideário misógino de São Jerônimo, encontra-se uma inarredável aversão pela mulher, a qual deve ser afastada a todo custo da relação com o homem, mesma institucionalizada pelo matrimônio.

Na sequência desses comentários, que recomendam a virgindade e desaprovam o matrimônio, São Jerônimo se reporta ao Eclesiastes, depois apresenta o Cântico dos Cânticos como um verdadeiro hino à virgindade. A seguir, contrapondo a muitos pronunciamentos heréticos de Joviniano, São Jerônimo comenta sobre profetas de nascimento virgem, protesta contra o batismo que nivela virgens e prostitutas, argumenta que o ofício sacerdotal não combina com o casamento e com a relação sexual e afirma que a continência não é um refreamento anormal do instinto sexual e que ela não se prova contra a procriação.

Em toda essa postura de São Jerônimo fica claro o seu embasamento ideológico buscando se fundamentar nas Sagradas Escrituras, visando ao espiritual acima do material. Finalmente, em defesa da virgindade, considerada por seu opositor Joviano como uma apreciação cristã, diz que existem suficientes exemplos do apreço da virgindade e da monogamia bastante atestados pelo pensamento mesmo antes do cristianismo.

No Livro I. 43 do seu *Adversus Jovinianum*, São Jerônimo faz uma apologia das mulheres que, tornando-se viúvas, se recusaram a casar novamente, discorrendo assim sobre a recomendação ideal de volta à condição de castidade para as viúvas. Assim, diz ele que comentará sobre as mulheres casadas que, relutantes em sobreviver à morte natural ou violenta dos seus maridos, por medo de que elas pudessem ser forçadas a se casar novamente, cultivaram uma maravilhosa afeição por seus únicos maridos que tiveram.

---

14. *Idem, Ibidem*, 817-818, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

Diz, naquele seu mesmo tom costumeiro de prédica moralizante que essa decisão de as mulheres não se casarem em segundas núpcias é exemplo que ensina o quanto isso era repudiado inclusive pelas mulheres pagãs. Dessa forma, cita o caso de Dido, a irmã de Pigmalião, que juntou uma grande quantidade de ouro e de prata e que, navegado à África, lá fundou Cartago.

E quando a sua mão foi procurada para casamento por Jarbas, rei da Lídia, ela adiou o casamento por um tempo, até que completasse a construção da cidade. Não muito depois, tendo erguido uma pira funerária em memória do seu finado marido Siqueu, ela preferiu se queimar, ao invés de se casar novamente. São Jerônimo toma esse exemplo pré-Virgiliano da narrativa de Dido da passagem 13 do *De exhortatione castitatis*, de Tertuliano,<sup>15</sup> constituindo ele também uma inteligente inversão do que sobre o assunto pode ser lido em Coríntios 1. 7: 9.<sup>16</sup>

No Livro I. 44 do seu *Adversus Jovinianum*, continua São Jerônimo a comentar sobre a esposa que se mantém numa espécie de viuvez casta em memória e fidelidade póstuma a seu marido. Para tanto, cita agora o caso da esposa de Nicerato que, incapaz de trazer qualquer coisa errada ao seu marido, infligiu a morte sobre si mesma em vez de sujeitar-se à luxúria dos trinta tiranos que Lisando havia levado à conquistada Atenas. Nicerato era filho de um líder ateniense que morreu antes de o espartano Lisandro apoiar o governo dos trinta tiranos depois da derrota de Atenas em 404 a. C.

A seguir, e citando o exemplo de Artemísia, esposa de Mausolo, da qual se diz ter-se distinguido pela castidade mantida após a morte do seu marido, diz São Jerônimo que, embora ela fosse rainha da Cária, e isso é exaltado pelos grandes poetas e historiadores, nenhum elogio maior lhe foi dado do que aquele que, quando seu marido morreu, ela, que o amava tanto quanto em vida, construiu um túmulo tão grande que até os dias de hoje todos os sepulcros luxuosos são chamados de mausoléus. Aqui se verifica novamente um torcimento retórico de São Jerônimo para ilustrar os seus argumentos, visto que argumenta-se que o celebrado túmulo do rei Mausolo, de 353 a. C., foi construído por Pítio, não por sua esposa viúva, que era também sua irmã, Artemísia.<sup>17</sup>

---

15. Quintus Septimius Florens Tertullianus, *Tertulliani Liber De Exhortatione Castitatis*, ed. Claudio Moreschini, SC319 (Paris: Cerf, 1985), scanned Roger Pearse, Ipswich, 2003.

url: [http://www.tertullian.org/latin/de\\_exhortatione\\_castitatis.htm](http://www.tertullian.org/latin/de_exhortatione_castitatis.htm)

16. St. Jerome, *Against Jovinian*, in *The Principal Works of St. Jerome*, ed. Philip Schaff, trans. William Henry Fremantle, Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 1 (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892), 842-843,

url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

17. *Idem, Ibidem*, 843-844, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

Depois desses dois exemplos, São Jerônimo se detém em exemplos de notáveis mulheres romanas, como Lucrecia, que fizeram da perda de seus maridos motivo para a volta à castidade através da viuvez inabalável por quaisquer anseios do corpo e da mente. Assim, no Livro 1. 46 do seu *Adversus Jovinianum*, traz a relação dessas íntegras matronas com a citação do nome de Márcia, a filha mais nova de Catão que, quando lhe perguntaram, após a perda do seu marido, porque ela não se casara novamente, respondeu que ela não poderia encontrar um homem que a quisesse mais do que ao dinheiro dela.

São Jerônimo diz que as palavras de Márcia ensinam que os homens, ao escolherem as suas esposas, olham para a riqueza ao invés da castidade, e que muitos deles, ao se casarem, não usam os seus olhos, mas os seus dedos. Predica o santo que isso deve ser uma excelente coisa que é vencida pela avareza.

Continuando a discorrer sobre a virtuosa Márcia, diz São Jerônimo que, quando a mesma dama estava de luto pela perda do seu marido e as matronas lhe perguntaram que dia veriam o fim de sua tristeza, ela respondeu que seria o mesmo dia em que virem o fim da sua vida. Sobre essa disposição da viúva, São Jerônimo acha que aquela que continuou a desejar seu marido depois da sua morte não pensou em se casar novamente.

A seguir relata o caso de Pórcia, que Bruto tomou como esposa e que era virgem. Ela não podia viver sem Bruto, porque certas mulheres se ligam tão intimamente a certos homens e para se manterem ligado a um só é como um forte elo na corrente da afeição. Passa a seguir a falar de Annia, dizendo que, quando um parente seu urgiu-a a se casar novamente, ela, que era uma pessoa madura e de bom caráter, respondeu que certamente não o faria, porque, se achasse um bom homem, não teria nenhuma vontade de estar com ele, com medo de perdê-lo e, se encontrasse um homem mau, por que teria que aturar um mau marido depois de ter tido um bom.<sup>18</sup>

São Jerônimo admite que esse catálogo de mulheres castas sofre de muita extensão e, a seguir, no Livro I. 47 do seu *Adversus Jovinianum*, intertextualizando o já comentado *Liber de nuptiis*, de suposta autoria de Teofrasto, recrudescer no seu usual tom acerbo de reclamação antimatrimonial. Assim, protesta o que ele faria quando as mulheres do seu tempo o pressionassem com autoridade apostólica e, antes de o primeiro marido estar enterrado, repetissem, cada vez mais de memória, os mandamentos que permitem uma segunda união. E

---

18. St. Jerome, *Against Jovinian*, in *The Principal Works of St. Jerome*, ed. Philip Schaff, trans. William Henry Fremantle, Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 1 (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892), 844-846, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

conclui acerca disso, de forma irônica, desejando que aqueles que desprezam a fidelidade da pureza cristã possam ao menos aprender a castidade dos pagãos.

E nesse ponto faz referência ao que ensina o livro de Teofrasto sobre o casamento, dizendo que ele, por isso, vale o seu peso em ouro. Nesse livro, o autor pergunta se os sábios se casam. E depois de estabelecer as condições de que uma esposa deve ser justa, de bom caráter e de parentesco honesto e o marido de boa saúde e de amplos meios e, depois de dizer que, sob essas circunstâncias um homem sábio algumas vezes entra no estado do matrimônio, ele imediatamente pondera, adversativamente, que todas essas condições raramente são satisfeitas no casamento.

Portanto, após essa reflexão, Teofrasto, conclui que um sábio não deve tomar uma esposa. Porque, em primeiro lugar, o seu estudo da filosofia será prejudicado e é impossível para qualquer um cuidar dos seus livros e da sua esposa ao mesmo tempo.

A seguir, Teofrasto citado por São Jerônimo, apresenta uma verdadeira anatomia negativa do caráter das esposas, dizendo que as mulheres casadas querem muitas coisas, vestidos caros, ouro, joias, itens caríssimos, servas, todo tipo de mobiliário, liteiras e carruagens ornamentadas. Ressoando a posição de sátira de Juvenal (*Decimus Iunius Iuvenalis*, princípios do século II) acerca das esposas reclamadas, diz que elas tagarelam toda a noite, dizendo que uma senhora sai melhor vestida do que ela, que uma outra é olhada por todos, e que ela é uma pobre ninguém desprezada nos encontros de mulheres.

Pergunta irritantemente ao marido porque ele cobiça aquela criatura ao lado, porque ele está falando com a empregada, o que ele trouxe do mercado. Teofrasto diz que aos maridos não é permitido nem mesmo ter um único amigo ou companheiro, que ela suspeita que a amizade do seu marido, indo para outro lugar, acarretaria o ódio dele por ela. E conclui que pode mesmo haver, em alguma cidade vizinha, o mais sábio dos professores para visitar, mas que, se os homens têm uma esposa, eles não podem ir e deixá-la para trás, nem levar a carga com eles. Continuando no seu relato da fala de Teofrasto sobre as inconveniências de se ter uma esposa, São Jerônimo comenta que ele diz que suportar uma pobre esposa é difícil e que casar-se com uma rica é tortura. Diz também, de forma satírica, que no caso de uma esposa não se pode pegar e escolher, devendo ser tomada do jeito e das condições em que é encontrada.

Continuando nessa relação de inconveniências do processo de casamento, do modo como ele é feito, diz São Jerônimo que se a esposa tem um mau temperamento ou é uma tola, se ela tem um defeito ou é orgulhosa ou se ela tem mau hálito, qualquer que possa ser a sua culpa, todas essas coisas se aprende apenas depois do casamento. A seguir, vem a mais demeritória comparação animalizadora de uma nubente, quando ele diz que cavalos, asnos,

gado, cães, mesmo os escravos de menor valor, roupas, chaleiras, bancos de madeira, copos e jarros de barro, tudo isso é primeiramente testado e em seguida comprado, enquanto que uma esposa é a única coisa que não é mostrada antes de se casar, por medo de que ela possa não satisfazer ao interessado.

Continuando nesse indiscutivelmente misógino discurso antimatrimonialista, São Jerônimo, ainda em referência a Teofrasto, diz que ele comenta o que é forçoso ao marido em termos de desmandos da sua tirana esposa. Nesse sentido, diz que o olhar dele deve ser sempre direcionado para o rosto dela e que ele deve sempre elogiar a sua beleza e, se ele olha para outra mulher, então ela pensa que não tem a atenção dele.

Na sequência dessas sofríveis obrigações, e relendo as predições satiricamente misóginas de Juvenal, na sua famosa Sátira VI, acerca do aconselhamento para jamais se casar,<sup>19</sup> diz São Jerônimo, reportando-se ainda à fala de Teofrasto, que essa esposa demandante deve ser chamada de minha senhora, que seu aniversário deve ser lembrado, que o marido deve jurar pela saúde dela e desejar que ela lhe sobreviva. Além disso, ele deve respeitar a ama dela, a fofoca, o escravo do pai dela, o filho adotivo, o parasita proeminente, o escravo afeminado que administra os negócios dela e o eunuco que ministra a indulgência segura de sua luxúria. Tudo isso, nomes que são só dissimuladores do adultério. Além disso, ressoando as palavras de Ovídio (Publius Ovidius Naso, 43 a. C.-18 d. C.), em *Ars Amatoria* [Arte de amar], diz São Jerônimo que a quem quer que seja que ela se afeiçoa, o marido deve amar muito, quer goste ou não.<sup>20</sup>

Portando a voz de Teofrasto, continua São Jerônimo a discorrer sobre o fardo dos desmandos de uma esposa, numa retórica esmiuçadora da mesquinha vida infeliz de casado, dizendo que, se à esposa for dada gestão de toda uma casa, o marido é reduzido a ser seu escravo; se ele reservar algum controle para si mesmo, ela vai pensar que ele não lhe é fiel e fica pronta para a luta e o ódio e, se o marido não se cuida rapidamente, ela de pronto o envenena. Se o marido admite em casa velhas, adivinhos, profetas, vendedores de joias e roupas de seda, ele põe em perigo a castidade dela; se ele fecha a porta para tudo isso, ela fica ofendida e imagina que ele suspeita dela.

Nessa altura do minucioso inventário da má disposição de caráter da esposa, continua São Jerônimo, na voz de Teofrasto e ecoando o que diz Ovídio na sua *Ars amatoria* acerca da

19. Juvenal, Satire VI, in *Juvenal: The Satires*, trans. A. S. Kline (2011), 35-55, url: [http://web.ics.purdue.edu/~rauhn/Hist\\_416/hist420/JuvenalSatirespdf.pdf](http://web.ics.purdue.edu/~rauhn/Hist_416/hist420/JuvenalSatirespdf.pdf)

20. Ovid, The Art of Love, in *The Love Books of Ovid Being the Amores, Ars Amatoria, Remedia Amoris and Medicamina Faciei Femineae of Publius Ovidius Naso*, bk 2, trans. J. Lewis May (1930), 131, url: <http://www.sacred-texts.com/cla/ovid/lboo/lboo59.htm>



inutilidade de se vigiar a esposa,<sup>21</sup> perguntando ironicamente, nesse contexto arrazoado, qual seria a vantagem mesmo de um guardião, quando uma esposa não casta não pode ser guardada e uma casta não deve ser. Porque a compulsão é uma guardiã não confiável da castidade e uma mulher só merece ser chamada de casta quando é livre para pecar e se ela puder escolher. Se uma mulher é bela, ela logo é desejada; se ela é feia, ela é logo agitada para a luxúria.

E conclui, nessa ordem de ideias, dizendo que é difícil guardar algo desejado por muitos e é aborrecido ter algo que ninguém pensa ser válido possuir. Mas a miséria de ter uma esposa feia é inferior àquela de ter de vigiar uma bela. Nada está seguro com aquilo por quem toda uma multidão suspira e anseia. E termina São Jerônimo esse rol de inconveniências em se ter uma esposa, seja como for sempre um descalabro, fazendo a apologia metafórica do homem, entretanto sujeito à falência por causa da esposa, dizendo que um homem seduz com a sua figura, outro com a sua mente, outro com a sua sagacidade, outro com os seus presentes. De alguma forma, ou em algum tempo, uma fortaleza é capturada quando é atacada de todos os lados.

Ainda citando Teofrasto, São Jerônimo coloca os serviços de um servo fiel e a companhia de amigos acima do que pode fazer uma esposa no casamento. Assim, diz que os homens se casam para conseguir alguém que cuide da casa, que os confortem quando eles estão abatidos e para espantar a solidão. Entretanto, um servo fiel torna-se um administrador muito melhor, mais obediente ao mestre, mais seguidor dos caminhos dele do que uma esposa que só pensa se provar senhora se ela age em oposição ao seu marido, ou seja, se ela faz o que lhe agrada, não o que lhe é dito.

E continua dizendo que os amigos e os servos que estão sujeitos à obrigação devido a favores recebidos são capazes de zelar melhor na doença do que uma esposa, que faz o seu marido acreditar nas lágrimas dela e, nesse caso, derrama uma enchente na expectativa de ser a herdeira e cuja ansiosa ostentação leva o seu marido doente para o desespero. Diz que, se a esposa é ela mesma debilitada, o marido deve adoecer com ela e nunca deixar a sua cabeceira. Ou se ela é uma esposa boa e agradável, como a um pássaro raro, conforme diz Juvenal na sua Sátira VI, o marido deve compartilhar os seus gemidos no parto e ficar torturado quando ela está em perigo.<sup>22</sup>

Teofrasto, na voz de São Jerônimo faz agora uma apologia do homem só e sábio, isto é, solteiro, dizendo que esse homem nunca fica só, porque tem consigo os bons homens de

21. *Idem, Ibidem*, 173-174, url: <http://www.sacred-texts.com/cla/ovid/lboo/lboo59.htm>

22. Juvenal, Satire VI, in *Juvenal: The Satires*, trans. A. S. Kline (2011), 39, url: [http://web.ics.purdue.edu/~rauhn/Hist\\_416/hist420/JuvenalSatirespdf.pdf](http://web.ics.purdue.edu/~rauhn/Hist_416/hist420/JuvenalSatirespdf.pdf)

todos os tempos e é livre nos seus pensamentos para o que quer que escolha e o que não lhe é inacessível em pessoa, ele abraça em pensamento. E, se os homens são escassos, ele conversa com Deus. Ele nunca está menos só do que quando está só.

No que se segue, São Jerônimo, ainda citando Teofrasto, continua o que fez anteriormente ao apresentar um catálogo que convencionou as razões mais viáveis para não se casar, começando com a imbecilidade da razão de se casar com a finalidade de deixar progênie. Assim, diz que, se para ter filhos, para que o nome do progenitor não pereça ou para que o apoiem na velhice ou para deixar a sua propriedade sem disputa, isso é o cúmulo da estupidez.

E explica a razão dessa estupidez perguntando, com grande ceticismo, o que pode significar para o homem, quando deixa o mundo, se outro carrega o seu nome, quando até mesmo um filho não necessariamente leva o título do seu pai e há inúmeros outros que são chamados pelo mesmo nome. Ou que tipo de apoio na velhice pode trazer aquele que o pai procriou, e que pode morrer antes dele ou que pode mesmo tornar-se um patife. Ou, continua São Jerônimo, quando o filho atinge a maturidade e o pai lhe parece que morre muito lentamente.

Após essa visão bastante descrente da justificativa da procriação, diz que, por outro lado, amigos e parentes que o homem pode criteriosamente amar são melhores e mais seguros herdeiros do que aqueles que ele pode tornar seus herdeiros, quer goste ou não. Na verdade, conclui de forma receituária e prática, entretanto inteligentemente cínica, que a maneira mais segura para se ter um bom herdeiro é arruinar a própria fortuna por uma boa causa enquanto em vida, e não deixar o que o fruto do seu trabalho seja usado sem que se possa saber como.<sup>23</sup>

São Jerônimo, no Livro I. 48 do seu *Adversus Jovinianum*, ressoando o que pode ser lido em Filipenses 1: 23, pergunta quem entre os cristãos, cuja inclinação é para o céu e que diariamente diz que almeja ser absolvido e estar com Cristo, não fica decepcionado quando Teofrasto diz tais coisas sobre o casamento. E continua perguntando se um cordeiro de Cristo deve realmente desejar herdeiros humanos, e se ele deve desejar crianças e encantar-se com uma longa linha de descendentes, os quais talvez possam cair nas garras do Anticristo, quando pode-se ler que Moisés e Samuel preferiram outros a seus próprios filhos e não contaram como seus filhos aqueles que desagradaram a Deus.

---

23. St. Jerome, *Against Jovinian*, in *The Principal Works of St. Jerome*, ed. Philip Schaff, trans. William Henry Fremantle, Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 1 (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892), 846-848, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

A seguir, São Jerônimo cita o caso da não concordância do casamento com a prática da filosofia. Para exemplificar maximamente isso, cita o caso de Cícero e de Sócrates, dizendo da contrariedade de ambos com o fato de enfrentarem o casamento. Diz que, quando Cícero, depois de se divorciar de Terência foi solicitado por Hírcio a se casar com a sua irmã, ele colocou a questão completamente de lado e disse que não poderia se dedicar a uma esposa e à filosofia ao mesmo tempo. Entretanto, como é sabido, apesar dessa espirituosa resposta de Cícero a esse seu vizinho, na realidade ele se casou novamente.

A seguir é comentado que Sócrates teve duas esposas, Xantipa e Myron, neta de Aristides. Elas frequentemente brigavam e ele costumava zombar delas por discordarem a respeito de um de um homem tão feio quanto ele, com um nariz arrebitado, meio calvo, de cabelo áspero e pernas tortas. Por fim, elas planejaram um ataque contra ele, e depois de o terem punido severamente e o colocado em fuga, atormentaram-no por muito tempo. Certa vez, quando ele se opôs a Xantipa, que acumulava abusos contra ele do andar de cima, ela mergulhou-o em água suja, mas ele apenas limpou a cabeça e disse ironicamente que sabia que um trovão como aquele era infalivelmente seguido por uma chuvarada.

Depois disso, e no mesmo Livro I. 48 do seu *Adversus Jovinianum*, São Jerônimo lista uma sequência de comentários críticos sobre as esposas da cultura romana, das quais são exemplos as mencionadas a seguir. Refere-se a certo nobre romano que, quando os seus amigos descobriram falha nele por ter se divorciado de uma bela, casta e rica esposa, esticou os seus pés e lhes disse, de forma proverbial e metaforicamente irônica, que o sapato que estava diante deles parecia novo e elegante, mas ninguém além dele sabia onde ele apertava.

E continuando nesse mesmo tom proverbial acerca de a mulher e o casamento apenas parecerem ser agradáveis, comenta que Heródoto conta que uma mulher tira a modéstia com as suas roupas. Esta é a resposta dada em *Histórias* I. 8, de Heródoto (Herodotus, c. 484-425 a. C.), quando um rei sugere a seu súdito que ele deveria julgar a incomparável beleza da rainha ao vê-la nua.<sup>24</sup> A seguir se refere a Terêncio (Publius Terentius Afer, 195/185–159 a. C.), que, em sua peça *Hecyra*, é de opinião que o homem realmente afortunado é aquele nunca se casou.<sup>25</sup>

Continuando, São Jerônimo encabeça a lista de devassas mulheres com a referência ao célebre estereótipo misógino da lascívia feminina, a sempre lembrada a esse propósito Pasífae, citada ao lado de Clitemnestra e Erífile. Relembra que a primeira foi a esposa de um rei que se arruinou de luxúria por ter desejado um touro; que a segunda matou o seu marido

24. Herodotus, *The History of Herodotus*, trans. G. C. Macaulay, bk 1 (1890), url: <http://www.sacred-texts.com/cla/hh/hh1000.htm>

25. Publius Terentius Afer, *Hecyra* (Paris: Librairie C. Klincksieck, 1887), 24, url: <http://ia600307.us.archive.org/9/items/hecyraho00tereoft/hecyraho00tereoft.pdf>

por causa de um amante adúltero e que a terceira traiu Anfiarau por ter preferido um colar de ouro ao bem-estar de seu marido. Todos esses exemplos, São Jerônimo os arrola seguindo a tradição misógina, muito bem representada por Ovídio em *Ars amatoria*, da referência antiga a epítomes do vício feminino.<sup>26</sup>

Continuando São Jerônimo nesse tópico de exemplos clássicos de mulheres viciosas, diz que, em toda a grandiloquência da tragédia e a queda e destruição de casas, cidades e reinos, são as esposas e amantes que sempre foram o estopim desses desastres. Pais pegam em armas contra os seus filhos, banquetes indizíveis são servidos e, por conta do estupro de uma mulher tola, a Europa e a Ásia foram envolvidas numa guerra de dez anos. A alusão aqui é evidente ao antológico rapto de Helena por Páris, causa da Guerra de Troia.<sup>27</sup>

No Livro I. 49 do seu *Adversus Jovinianum*, São Jerônimo retoma clássicos pronunciamentos misóginos de famosos autores acerca das inconveniências do casamento. Nesse sentido, diz que Aristóteles, Plutarco e Sêneca escreveram tratados sobre o casamento, dos quais ele já deu alguns trechos e agora pretende adicionar mais alguns. Comenta que o amor da beleza enterra a razão e é vizinho de perto da loucura, que esse amor é uma pequena mancha tola em convivência com uma mente sã. Esse tema da insanidade do desejo sexual e da necessidade de o filósofo evitá-lo através da sua própria reclusão é também abordado no Livro II. 8-9 do seu *Adversus Jovinianum*.<sup>28</sup>

Continuando na relação dos danos produzidos pelo amor a uma mulher, diz São Jerônimo que ele confunde o conselho, quebra os altos e generosos espíritos, arrasta os homens para longe dos grandes pensamentos e para perto dos mesquinhos, faz os homens rabugentos, irados, imprudentes, cruelmente arrogantes, bajuladores servis, bons para nada, enfim, nem mesmo para o próprio amor. Porque, apesar de, na intensidade da paixão, o amor queimar como uma chama ardente, ele ainda desperdiça muito tempo em suspeitas, lágrimas e reclamações, gerando finalmente o ódio a alguém e a si mesmo.<sup>29</sup>

Além de discorrer sobre os tópicos acima examinados a respeito da inconveniência da mulher e de sua companhia matrimonial, São Jerônimo, entre outros momentos da sua escrita

---

26. Ovid, *The Art of Love*, in *The Love Books of Ovid Being the Amores, Ars Amatoria, Remedia Amoris and Medicamina Faciei Femineae of Publius Ovidius Naso*, bk 1. Translated by J. Lewis May (1930), 106-107. url: <http://www.sacred-texts.com/cla/ovid/lboo/lboo59.htm>

27. St. Jerome, *Against Jovinian*, in *The Principal Works of St. Jerome*, ed. Philip Schaff, trans. William Henry Fremantle, Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 1 (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892), 848-851, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

28. St. Jerome, *Against Jovinian*, in *The Principal Works of St. Jerome*, ed. Philip Schaff, trans. William Henry Fremantle, Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 2 (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892), 869-871, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

29. *Idem, Ibidem*, 851-853, url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>

advogada da castidade e do celibato, na sua *Epistola 22 ad Eustochium* [Carta 22 a Eustóquio] (datada de 384) e na sua *Epistola 77 ad Oceanum* [Carta 77 a Oceano] (datada de 399), ainda referencia aspectos correlatos a esses mesmos tópicos tratados em *Contra Jovinianum* ao abordar a questão da relação entre a mulher e a inerentemente inata capacidade de tentação sexual sinônima de desvirtuação espiritual, religiosa, moral, intelectual e física do homem bem intencionado. Recomenda o casto santo eremita, místico da castidade cristã, como única solução para esse perigo da presença feminina a inauguração de uma era da virgindade da mulher.

### Bibliografia

Ambrose, St. The Widows. In *The Principal Works of St Ambrose*. Translated by H. de Romestin. Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers, x . Oxford: Parker and Co.; New York: Christian Literature Co., 1896, 391-407.

Delhaye, Phillipe. "Le Dossier anti-matrimonial de l'*Adversus Jovinianum* et son influence sur quelques écrits latins du XIIe. Siècle." *Mediaeval Studies* 13 (1951): 65-86.

Gratianus. *Decretum Magistri Gratiani*. Edited by Emil Friedberg. In *Corpus Iuris Canonici*, vol. 1. Leipzig: Bernhard Tauchnitz, 1879.

url:

[http://www.columbia.edu/cu/lweb/digital/collections/cul/texts/ldpd\\_6029936\\_001/index.html](http://www.columbia.edu/cu/lweb/digital/collections/cul/texts/ldpd_6029936_001/index.html) Acesso em: 22/8/2013.

Herodotus. *The History of Herodotus*. Translated by G. C. Macaulay, bk 1 (1890), url: <http://www.sacred-texts.com/cla/hh/hh1000.htm> Acesso em 22/8/2013.

*Holy Bible*, The. Translated from the Latin Vulgate. Belfast, 1582.

Jerome, St. Against Jovinian. In *The Principal Works of St. Jerome*. Edited by Philip Schaff. Translated by William Henry Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, vol. 6, bk. 1, 779-853. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892.

url: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf> Acesso em: 22/8/2013.

John of Salisbury (ioannis Saresberiensis). *Policratici sivi De Nugis curialium et vestigiis philosophorum libri 8*. Edited by Clemens C. I. Webb.

url:

[http://archive.org/stream/ioannissaresberi01johnuoft/ioannissaresberi01johnuoft\\_djvu.txt](http://archive.org/stream/ioannissaresberi01johnuoft/ioannissaresberi01johnuoft_djvu.txt) Acesso em 22/8/2013.

Juvenal (Decimus Iunius Iuvenalis). Satire VI. In *Juvenal: The Satires*. Translated by A. S. Kline (2011), 35-55,

url: [http://web.ics.purdue.edu/~rauhn/Hist\\_416/hist420/JuvenalSatirespdf.pdf](http://web.ics.purdue.edu/~rauhn/Hist_416/hist420/JuvenalSatirespdf.pdf).

Acesso em: 22/8/2013.

Kelly, John Norman Davidson. *Jerome: His Life, Writings, and Controversies*. London: Duckworth, 1975.

Ovid (Publius Ovidius Naso). The Art of Love. In *The Love Books of Ovid Being the Amores, Ars Amatoria, Remedia Amoris and Medicamina Faciei Femineae of Publius Ovidius Naso*, bks 1, 2, 3. Translated by J. Lewis May (1930), 95-180. url: <http://www.sacred-texts.com/cla/ovid/lboo/lboo59.htm> Acesso em: 22/8/2013.

Pierre Abélard (Petrus Abaelardus). *Theologia Christiana*. Edited by Eligius M. Buytaert. In *Petri Abaelardi opera theologica*, Corpus christianorum (continuatio mediaevalis), vol. 12. Brepols: Turnhout, 1969.

url: [http://individual.utoronto.ca/pking/resources/abelard/Theologia\\_christiana.txt](http://individual.utoronto.ca/pking/resources/abelard/Theologia_christiana.txt)

Acesso em: 22/8/2013.

Publius Terentius Afer, *Hecyra* (Paris: Librairie C. Klincksieck, 1887), 24, url: <http://ia600307.us.archive.org/9/items/hecyratho00tereuoft/hecyratho00tereuoft.pdf> Acesso em: 22/8/2013.

Schmitt, Charles Bernard. "Theophrastus in the Middle Ages." *Viator* 2 (1971): 259-263.

Tertullianus, Quintus Septimius Florens. *Tertulliani Liber De Exhortatione Castitatis*. Edited by Claudio Moreschini, SC319. Paris: Cerf, 1985. Scanned by Roger Pearse, Ipswich, 2003. url: [http://www.tertullian.org/latin/de\\_exhortatione\\_castitatis.htm](http://www.tertullian.org/latin/de_exhortatione_castitatis.htm) Acesso em 22/8/2013.